



Relações de género e a profissão bibliotecária no Brasil

Hugo Avelar Cardoso Pires

Universidade Federal de Minas Gerais

hugo_avelar@yahoo.com.br

Lígia Maria Moreira Dumont

Universidade Federal de Minas Gerais

dumont@eci.ufmg.br

Resumo

Apresenta os resultados de pesquisa que investigou as razões do observado aumento do contingente masculino nos cursos de Biblioteconomia, sobretudo a partir da década de 1980. Para tal, reflexões e conceituações são desenvolvidas acerca da importância dos estudos sobre as relações de género, da divisão sexual do trabalho e de que formas tais divisões influenciaram na constituição da profissão bibliotecária, enquanto uma profissão feminina. Destaca que esse rótulo não se deu pela característica intrínseca da biblioteca como lugar de guarda, cuidado, que em uma sociedade onde tais tarefas são muitas vezes ligadas ao feminino, mas quando esta se aproximou da área da Educação. Houve a necessidade do aumento da tecnicidade dos cursos formadores e esse novo direcionamento exigiu que os profissionais privilegiassem a ordem, a educação, bons costumes, características tidas como femininas. Ademais, são analisados os dados de 12 cursos de Biblioteconomia brasileiros que demonstram o aumento no número de homens e de mulheres formados nos cursos. Os dados obtidos junto aos colegiados dos cursos assinalam um ligeiro acréscimo no número de homens, sobretudo após os anos 1980, porém continuam se caracterizando como cursos altamente feminizados.

Palavras-chave: Estudos de Género. Género e cursos de Biblioteconomia. Relações de género. Divisão sexual do trabalho.

Gender relations and the library profession in Brazil

Abstract

It presents the results of a research that investigates the reasons for the observed increase in the male contingent in Librarianship courses, especially from the 1980s. Ideas and concepts are developed based on the importance of studies on gender relations, sexual division work and in what ways such divisions influenced the establishment of the library profession as a female profession. It points out that the establishment of the profession as a female one, did not come from the intrinsic characteristic of the library as a place of custody, care, that in a society are often related to women, but when it approached to the education area. It was necessary to increase technical trainers courses and this new direction has required that professional privileges the order, education, good manners, characteristics thought female. In addition, data from 12 Brazilian Librarianship courses demonstrates the increase in the number of men and women trained in the courses analyzed. The data obtained from the collegiate courses shows a slight increase in the number of men, especially after the 1980s, but continues to be characterized as highly feminized course.

Keywords: Gender studies. Gender and Librarianship; Gender relations; Sexual division of labor.

Introdução

A luta das mulheres para entrar nas universidades e no mercado de trabalho esteve ligada à luta por outros direitos, tal como o de votar. Entretanto, as influências das divisões entre os sexos estão tão arraigadas, que por vezes parecem ser naturais e se fazem presentes em toda a sociedade (Bourdieu, 2003, p. 17) e acabaram por determinar que as “profissões femininas” estejam intimamente ligadas às tarefas de cuidar e zelar.

No início do século XX, a sociedade brasileira só destinava o acesso da mulher à esfera pública do trabalho se este se relacionasse às funções que correspondiam ao seu papel na família. Com o fenômeno de urbanização observado no país — principalmente após os anos 70 —, a participação feminina na esfera do trabalho aumentou consideravelmente e as mulheres passaram, então, a deixar de lado a imagem de “dona de casa” — restrita ao espaço privado da família — e galgaram posições mais elevadas no mercado de trabalho (Oliveira, 2003, p. 111). Entretanto, muitas vezes, tal saída do espaço privado para o público, ainda se deu por meio de profissões que podem ser vistas como extensões do trabalho doméstico, como enfermeiras, professoras e bibliotecárias (Ferreira, 2003, p. 190).

O campo da Biblioteconomia pode ser ligado às noções de cuidado e organização, características muitas vezes relacionadas ao “feminino”. Tal constituição da profissão como feminina influenciou o *status* que a atividade tem, bem como os estereótipos associados pela sociedade à profissão.

A emergência de uma sociedade pautada no conhecimento, na informação, aliada à aproximação da Biblioteconomia com a Educação e ao aumento do enfoque dado à tecnicidade da profissão, coincidem com o momento em que os cursos de Biblioteconomia começam a se difundir e as mulheres principiam a ter maior presença no mercado de trabalho. Tais fatores levaram à criação de um estereótipo em que o profissional passou a ser visto como um guardador de livros. (ROGGAU, 2006, p.20)

Ferreira (2010, p.4) observa que nos últimos anos houve uma maior procura de homens ao curso, impulsionados pelas mudanças sofridas pela Biblioteconomia e o advento da intitulada Sociedade da Informação, ocasionando a aproximação do curso com áreas como Administração, Ciência da Computação e Ciência da Informação. Apesar de se fazerem mais presentes em números absolutos nos cursos, em termos percentuais, a maior entrada masculina não representou diminuição na feminização dos cursos de Biblioteconomia e na profissão de bibliotecário (PIRES, 2016, p. 110).

Nesse contexto, o presente artigo apresenta resultados de pesquisa, que busca identificar as razões da maior entrada masculina nos cursos de Biblioteconomia. São apresentados dados de 12 cursos de Biblioteconomia de universidades brasileiras quanto ao número de profissionais bibliotecários formados por sexo, desde a fundação dos respectivos cursos. Para tal, buscou-se entender as influências da divisão sexual do trabalho na profissão bibliotecária, fazendo-se uma conceituação acerca dos aportes teóricos existentes sobre gênero, divisão sexual do trabalho e da importância do trabalho feminino.

As relações de gênero e a divisão sexual do trabalho

Os estudos das relações de gênero possuem como objetivo principal compreender que este é uma construção histórica e social não meramente biológica e que as relações existentes entre os gêneros masculino e feminino são reproduzidas por vários mecanismos, como a educação formal, os canais de informação e conhecimento e o mercado de trabalho.

Não utilizado nos estudos sociológicos até ao século XX, o termo “gênero” passou a ser de fundamental importância para a compreensão das relações sociais que permeiam os papéis masculinos e femininos na sociedade. Scott (1995, p.73) destaca que o mais importante da introdução da palavra nas Ciências Sociais, deriva do fato desta introdução ter sido feita também por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre a história das mulheres traria mudanças para os paradigmas de cada disciplina.

O gênero, segundo Castro (1992), é um conceito aberto, problematizado, que possui múltiplas interpretações e abordagens. Para a autora o gênero é «para alguns, uma decolagem de relações sociais ancoradas em perfis naturais, ser homem/ser mulher; para outros, decolagens de relações naturais, realizando-se por culturas e poderes mais além do sexo de referência» (p. 81). Por possuírem caráter interdisciplinar, os estudos de gênero instauram diálogos entre um movimento social — o feminismo — e a academia.

Scott (1995, p.84), defende que o gênero deve ser colocado como categoria de

análise — em vez de se utilizá-lo como complemento às análises já feitas — para que se possa compreender que o mesmo está ligado a processos históricos indissociáveis, explicando, assim, determinados fatores da sociedade. Isso não quer dizer, para a autora, que os arquivos ou estudos do passado devam ser abandonados, mas que algumas questões e visões devem ser revistas, colocando o gênero como categoria de análise das questões de pesquisa.

Bourdieu (2003, p. 18) demonstra através de análise de uma sociedade agrícola, que a ordem social funciona como uma grande máquina simbólica que ratifica a dominação masculina, que possui seus alicerces na divisão social do trabalho, na estrutura dos espaços, na estrutura do tempo, dentre outras estruturas.

A divisão sexual do trabalho se apresenta como uma das facetas das relações de gênero e da dominação masculina sobre as mulheres, determinando os papéis masculinos e femininos na sociedade e no mundo do trabalho. Compreender de que forma se dá essa divisão, torna-se fundamental para entender quais características fazem com que determinada profissão seja uma profissão “feminina” ou “masculina”, assim como ocorre na profissão bibliotecária.

Divisão sexual do trabalho e trabalho feminino

Posto como instrumento de análise das relações sociais, o gênero demonstra que o relacionamento entre os sexos definiram (e continuam definindo) papéis para homens e mulheres nos diversos setores da sociedade. Tais papéis são ancorados em bases biológicas e, para Mies (1988, p. 68), encobrem as relações desiguais de dominação e exploração que os homens exercem sobre as mulheres. A autora enfatiza que o enfoque biológico dado à designação de trabalhos masculinos e femininos, traz a noção de que as tarefas são simplesmente divididas entre homens e mulheres, o que mascara que as tarefas masculinas são sempre consideradas mais importantes (racionais, planejadas, produtivas) do que as femininas, sempre designadas pela natureza da mulher.

Assim como as relações de gênero, a divisão sexual do trabalho começou a ser questionada somente nas últimas décadas. Cacouault (2003, p. 35) afirma que a divisão sexual do trabalho se insere nas questões de gênero, além de propiciar uma apreensão mais justa da participação feminina na produção das riquezas e «uma melhor compreensão do trabalho dos homens e do funcionamento das sociedades».

Os estudos sobre a temática buscam compreender que os ambientes de trabalho são mistos e que as transformações no campo estão em curso, sendo as profissões definidas como “masculinas” ou “femininas” de tempos em tempos. Lobo (1991, p.84) afirma que «a divisão sexual do trabalho é um dos muitos *locus* das relações de gênero» e a problemática da divisão sexual do trabalho se articula com a do gênero e se utiliza do mesmo como categoria analítica, uma vez que abre espaço para se pensar novas problemáticas da sociologia do trabalho, como as mudanças, as identidades, o problema da igualdade e a

gestão de políticas sociais voltadas ao trabalho.

A inserção da mulher no espaço público observada principalmente após a Revolução Industrial se deu por trabalhos que se caracterizavam como extensões do trabalho exercido no âmbito privado, pautando, assim, a divisão sexual do trabalho. Dessa forma, as mulheres tinham a oportunidade de cursar e exercer profissões que estivessem intimamente ligadas às tarefas de cuidar e zelar ou, conforme Perrot (2005, p. 251), «profissões que se inscrevem no prolongamento das funções ditas “naturais”, maternais e domésticas das mulheres, além de permitirem que a uma mulher realize bem sua tarefa profissional (menor) e doméstica (maior)».

Apesar de alguns nichos de trabalhos continuarem sendo “definidos” como femininos e/ou masculinos, tem havido alguns avanços no sentido de maior diversificação do mercado de trabalho. A profissão de bibliotecário se inclui nesse grupo de profissões femininas, que vêm tentando se diversificar e sair do rol de profissões marcadas por determinado sexo. Compreender de que formas a profissão se constituiu como uma profissão feminina, pode ajudar a compreender sobre a visão do bibliotecário na sociedade, além de identificar quando e porquê a profissão passa a atrair mais homens.

A constituição da biblioteconomia como uma profissão feminina

Historicamente, as bibliotecas foram lugares destinados ao cuidado, à organização e à guarda do conhecimento. A história da constituição da profissão de bibliotecário demonstra que as primeiras bibliotecas possuíam homens as gerindo e a profissão bibliotecária se constituiu como feminina com o passar do tempo. Sousa (2014, p.121) destaca que a mudança da composição sexual da Biblioteconomia se dá, na Europa, no início do século XIX, com a emergência do Estado Nação, a Revolução Industrial e a institucionalização e estatização dos sistemas escolares. Já nos Estados Unidos, as bibliotecas se difundem atreladas às escolas, sendo um meio de espalhar a educação de forma igual para todos.

Nesse contexto de aproximação com a Educação (Martucci, 1996, p. 238), os atributos necessários para trabalhar em bibliotecas sofrem modificações. Do perfil erudito dos séculos anteriores, passa a ser requerido que os futuros profissionais bibliotecários fossem mais técnicos, e práticos. Para Mueller (1984, p.17), a expansão das bibliotecas públicas e universitárias no fim do século XIX e início do século XX, levou ao desenvolvimento de novas formas de organização e atendimento, com uma Biblioteconomia menos nobre e mais pragmática, que se espalhou com rapidez.

Mesmo com o descontentamento inicial de parte da classe, o perfil de formação de bibliotecários mais técnicos acabou se difundindo, a princípio nos Estados Unidos da América e, mais tarde, em outros países, como o Brasil. Além disso, neste novo perfil era necessário que os novos profissionais tivessem ordem, educação e bons costumes, características essas associadas ao feminino, o que abriu espaço para que as mulheres ocupassem espaços na profissão. Segundo Sousa (2014, p.122) «na época, as mulheres eram consideradas

educadoras por 'natureza', conservadoras, obedientes, pacientes e, dispostas a aceitar a autoridade e a hierarquia dos homens». Além disso, segundo a autora, no corpo de suas funções, a Biblioteconomia agrega valores como arrumar, zelar, guardar, valores que a sociedade associa às mulheres.

No Brasil, a feminização da Biblioteconomia vai ocorrer paralela à criação dos cursos de formação bibliotecária. As primeiras bibliotecas brasileiras pertenciam aos jesuítas e tinham a função de dar subsídios para as atividades religiosas dos clérigos. A vinda da família real portuguesa para o Brasil e a independência do país permitiram a criação de bibliotecas públicas e escolares no país. Nesse período, a profissão de bibliotecário se ligava a homens da aristocracia, uma vez que era exigido dos candidatos aos cargos, serem fluentes em mais de uma língua e possuírem conhecimento de história e literatura, além de uma formação acadêmica, como bacharelado em Letras ou Ciências. (Fonseca, 1992, p.112).

Em 1911, fruto dos esforços de diversos intelectuais inspirados nos humanistas franceses, tem-se o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, ministrado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O perfil do profissional que buscava-se formar ia de encontro ao perfil erudito, de orientação francesa. Programado para durar um ano, o curso enfrentou algumas paralisações e retomou suas atividades no começo da década de 30 (Silveira, 2007, p.134).

Nesse período, as bibliotecas no Brasil passaram a ser criadas já vinculadas às escolas, com função educativa semelhante à dos Estados Unidos (Martucci, 1996, p. 239). Assim, a profissão passou a atrair mulheres da classe dominante que, «se quisessem trabalhar, tinham duas opções: a escola normal ou então a biblioteconomia» (Botassi¹, Cit. Por Martucci, 1996, p. 240)

Os cursos de Biblioteconomia criados nesta época no país nasceram sob a influência norte-americana, com enfoque mais tecnicista e menos erudito, onde «a ênfase curricular de preparação humanística cede lugar a uma de ordem mais técnica, uniformizando os saberes bibliotecários e consolidando o modelo pragmático de instrução norte-americana no país» (Silveira, 2007, p. 136).

Essa perda do caráter humanista e a opção da orientação norte-americana de tornar-se mais técnica devido ao fato de estar voltada para a escola, podem ser apontado como um indício que colaborou para a feminização da profissão bibliotecária. Para Ferreira (2003, p.196), a facilidade de ingresso, a oferta de cursos em horários matutinos em sua maioria de curta duração (três anos) e a facilidade de entrada no mercado de trabalho, propiciaram o ingresso na profissão de moças de boa família.

Com o tempo, esse perfil de estudantes foi se alterando. De moças bem-nascidas, os cursos de Biblioteconomia passaram a atrair estudantes das camadas populares da sociedade. O maior interesse dos estudantes de camadas populares pelo curso de Biblioteconomia pode ser explicado pela consolidação da profissão como geradora de empregos formais, com destaque para a administração pública (Pena, 2007, p.64), além da baixa concorrência no

vestibular, o que permite aos oriundos das classes menos favorecidas, pleitear o acesso à universidade.

Nos últimos anos, tem-se observado maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia. Pena, Crivellari e Neves (2006, p.10) em dados levantados juntos a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) demonstram que entre 1994 e 2004, o número de bibliotecários do gênero masculino saltou de 13,02%, para 23,87%. Reis; Xavier Junior; Pires (2011, p. 15) mostram em levantamento feito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que a partir da década de 1990 — que marca a aproximação mais incisiva da Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento — verifica-se um número maior de bibliotecários formados do que todas as décadas de curso. Além disso, cabe ressaltar o aumento de graduados no curso após a criação do curso noturno da UFMG, na década de 2000.

A pesquisa

Tendo como objetivo verificar se os dados coletados realmente demonstram um crescente aumento da procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia, sobretudo a partir da década de 1980, a pesquisa analisa os dados quantitativos do número de graduados em Biblioteconomia, de ambos os gêneros, de cursos das cinco regiões do Brasil.

Das 32 universidades federais e estaduais que possuem o curso de Biblioteconomia, foram solicitados os dados de 22 e obteve-se resposta de 12 universidades (54,54%), número considerado satisfatório para verificação da maior ou menor presença masculina no curso ao longo do tempo. Os dados foram obtidos junto aos colegiados dos cursos, através de solicitações via e-mail e via Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC). Cabe destacar que a escolha do envio para universidades federais e estaduais se deu pela tradição destas na formação de bibliotecários. São apresentados aqui os dados gerais da pesquisa e de algumas universidades mais detalhadamente, demonstrando a presença masculina e feminina nos cursos.

Panorama da presença masculina e feminina nos cursos de biblioteconomia no Brasil

De modo geral, os cursos de Biblioteconomia das cinco regiões brasileiras apresentam-se como cursos altamente feminilizados, com presença muito superior de mulheres à dos homens. O QUADRO 1 apresenta o número total de graduados de ambos os sexos, de acordo com os dados obtidos junto aos colegiados das universidades, divididas de acordo com as cinco regiões do Brasil, bem como mostra os anos de fundação dos respectivos cursos.

Observando os dados do QUADRO 1, pode-se perceber que em todas as universidades pesquisadas, a maioria dos profissionais formados constitui-se de mulheres, uma vez que elas representaram 84,42% (10.921 de 12.935) dos formandos. Tal fator demonstra a alta feminização da profissão em todo o país.

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Feminino	Masculino	Não identificados*
Região Sul	1 Fundação Universidade do Rio Grande	1974	589	68	–
	2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul ²	1950	1222	169	–
	3 Universidade Federal de Santa Catarina	1976	948	196	8
Região Nordeste	4 Universidade Federal de Alagoas	1995	171	44	–
	5 Universidade Federal do Maranhão ³	1969	699	121	–
	6 Universidade Federal de Pernambuco	1950	1356	165	–
Região Norte	7 Universidade Federal do Amazonas	1966	810	143	–
	8 Universidade Federal de Rondônia	2009	13	1	–
Região Sudeste	9 Universidade Federal de Minas Gerais ⁴	1950	2681	525	–
	10 Universidade de São Paulo	1967	545	173	7
Região Centro-Oeste	11 Universidade Federal de Goiás	1980	460	54	–
	12 Universidade de Brasília	1963	1427	355	–
	TOTAL		10921	2014	15
QUADRO 1					
Graduados dos cursos de Biblioteconomia das universidades do Brasil, por sexo					
*OBS: a categoria “não identificados” refere-se aos nomes aos quais não foi possível identificar o sexo, uma vez que os colegiados enviaram a listagem de nomes, sem a identificação do sexo.					

A maior aproximação dos cursos de Biblioteconomia com outras áreas, conjugada à consolidação da profissão como empregadora, dentre outros fatores, levaram a uma maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia (Pires, 2016, p. 11). Em universidades como a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, criadas antes da década de 1980, mais de 80% dos

homens se graduaram após a década de 80.

Ao apresentar mais detalhadamente alguns dados dessa mudança, observa-se a tendência de crescimento no número de graduados do sexo masculino a partir dos anos 80. É o caso da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), conforme o Gráfico 1.

Os dados mostram que o número de graduados homens começou expressivo no início do curso (14), principalmente ao se considerar a década de criação deste. Mas durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 o número de mulheres é muito superior ao número de homens graduados. Enquanto 794 bibliotecárias foram formadas entre 1960 e 1980, somente 30 bibliotecários se formaram no mesmo período.

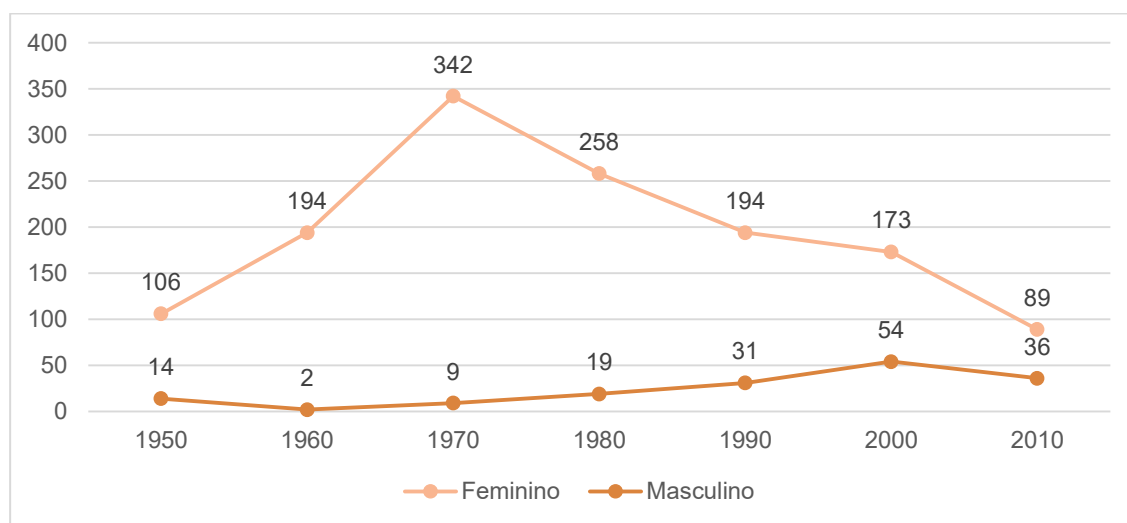


Gráfico 1

Graduados no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, por sexo, entre 1950 – 2013.

Entretanto, a partir da década de 1990 pode-se observar que o número de graduados do sexo masculino começou a crescer novamente, enquanto há decréscimo no número de graduadas do sexo feminino, demonstrando que a Biblioteconomia em Pernambuco pode ter-se tornado mais atrativa para os homens a partir da referida década.

O curso da Universidade de Brasília (UnB) foi criado no começo da década de 1960 e formou quase 1800 bibliotecários ao longo de mais de 50 anos de exercício. Em linhas gerais, o curso também apresenta crescimento no número de graduados do sexo masculino, tanto em números absolutos, quanto em números percentuais. O Gráfico 2 apresenta a evolução do número de graduados na Universidade desde a sua criação.

Pode-se observar que havia alta feminização no curso da UNB nos primeiros 20 anos de curso. O número de bibliotecários do sexo masculino cresceu um pouco mais de quatro vezes entre as décadas de 60 e 70, enquanto o número de mulheres aumentou mais de 1000%. Nas décadas seguintes, o número de bibliotecárias formadas na UNB cai e só volta a subir entre as décadas de 1990 e 2000, ainda que tenha-se mantido alto e bem superior ao número de bibliotecários homens.

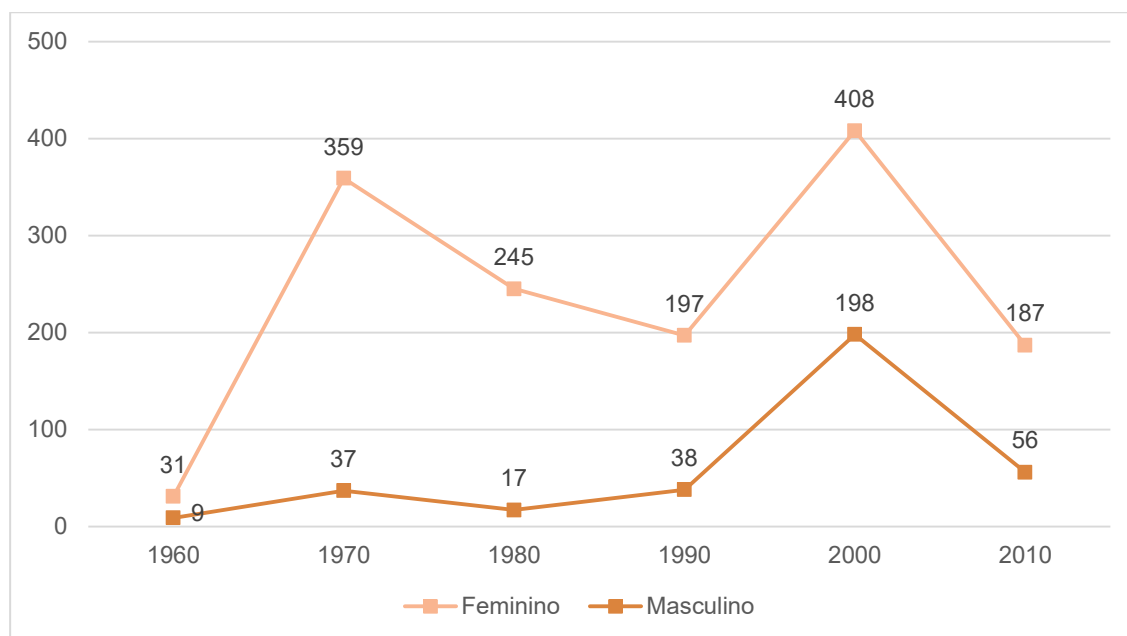


Gráfico 2

Graduados no Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, por sexo, entre 1966 – 2013.

Após um decréscimo nos anos 1980, o número de bibliotecários cresce exponencialmente devido à ampliação do número de vagas para o curso, alcançando o número de 198 graduados nos anos 2000. Tal aumento pode justificar-se pela aproximação maior da Biblioteconomia da UnB com a Ciência da Informação, fato que culminou com a criação, em 2003, do Departamento de Ciência da Informação e, mais tardiamente, em 2010, na Faculdade de Ciência da Informação.

Em termos percentuais, houve o aumento exponencial do número de mulheres graduadas em Biblioteconomia na UNB entre as décadas de 1970 e 1990, quando elas chegaram a representar mais de 90% dos profissionais formados na universidade. Porém, o percentual de bibliotecários do sexo masculino cresceu somente após a década de 2000, quando eles passam a representar quase 33% do número de graduados no curso.

A consolidação da profissão bibliotecária como geradora de empregos formais aliada à alta oferta de concursos públicos na área e a oferta de curso noturno pode ser considerada como um dos principais motivos que levaram mais homens a procurar os cursos de Biblioteconomia (Pena, 2007, p.112). Os dados do curso noturno da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que iniciou suas atividades no início dos anos 2000, corroboram tal aspecto, conforme o Gráfico 3, onde se observa menor feminização do curso. Apesar de o número de mulheres ainda ser superior que o número de homens no curso, pode-se observar que ele não é tão maior, se comparado ao curso diurno (onde elas representaram 77,86% dos graduados, na década de 2000). Em termos percentuais, os bibliotecários do sexo masculino representam mais de 40% dos profissionais formados no curso noturno da UFMG, maior taxa percentual do país.

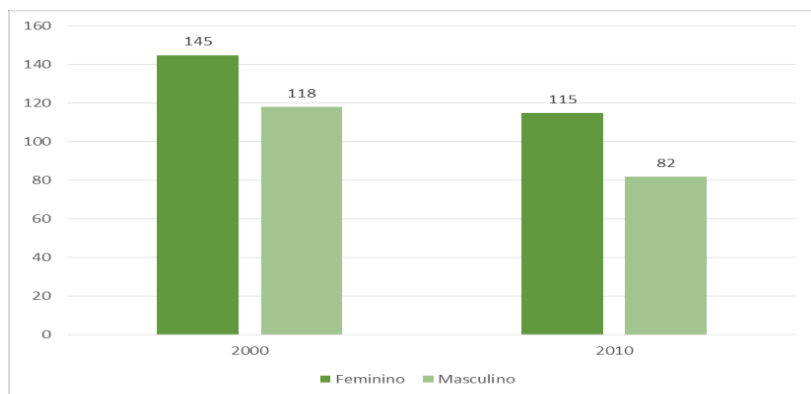


GRÁFICO 3

Graduados no curso noturno de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, por sexo, entre 2000 – 2013

Cabe ressaltar que além da oferta de curso noturno e dos motivos supracitados, a mudança de nome da escola que abriga o curso de Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação, pode ter colaborado para maior aproximação dos homens ao curso noturno, que já nasce com a escola tendo o novo nome. Tal mudança foi justificada pela necessidade de adequação do curso e da escola às realidades da área de informação e consequente futuras ofertas de outros cursos que tivessem viés ligado à informação. (Barbosa *et. al*, 2000, p.82)

Região do país	Universidade	Porcentagem de graduados do sexo masculino na última década dos cursos levantados
Região Sul	1 Fundação Universidade do Rio Grande	14%
	2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul ⁵	19,2%
	3. Universidade Federal de Santa Catarina	17,6%
Região Nordeste	4 Universidade Federal de Alagoas	19,7%
	5 Universidade Federal do Maranhão ⁶	10,14%
Região Norte	6 Universidade Federal do Amazonas	16,3%
	7 Universidade Federal de Rondônia	7,14%
	8 Universidade de São Paulo	33,98%
Região Centro-Oeste	9 Universidade Federal de Goiás	14,60%

QUADRO 2

Porcentagem de graduados do sexo masculino, nas universidades levantadas na última décadas de curso

***OBS:** A Universidade Federal de Rondônia iniciou as atividades do curso de Biblioteconomia no ano de 2008.

Quanto às outras universidades pesquisadas é importante ressaltar que em termos percentuais, não há um padrão quanto à diminuição da feminização e o percentual de homens no curso. O QUADRO 2 demonstra o percentual de homens que se graduaram em Biblioteconomia última décadas dos cursos levantados.

Os dados da QUADRO 2 mostram que a representação masculina nos cursos de Biblioteconomia, no geral, não representa efetiva diminuição da feminização do curso pelo país, ainda que haja aumento da participação masculina no número de graduados. Com exceção da Universidade de São Paulo (que possui um dos cursos mais tradicionais do país), os homens não representam mais de 20% dos graduados em Biblioteconomia nas últimas décadas dos cursos, o que confirma que a profissão bibliotecária é uma profissão altamente feminilizada.

Vale considerar que tais números representam uma visão geral dos dados, uma vez que há a variação quanto à década de criação dos cursos (o curso da Universidade de São Paulo foi fundado na década de 1960, enquanto o da Universidade Federal de Goiás só iniciou suas atividades em 1980, por exemplo) bem como as especificidades das trajetórias de cada curso.

Considerações finais

Debruçar sobre a constituição do corpo de determinada profissão caracterizada muitas vezes como “feminina” ou “masculina” é de fundamental importância para se compreender o *status* que a mesma possui na sociedade. Historicamente, profissões com um corpo profissional feminino possuem menor “valor” que profissões cuja procura de homens é maior. É o caso da ocupação bibliotecária, tida pela sociedade em geral como feminina.

Os estudos sobre as relações de gênero se mostram importantes instrumentos para se compreender a forma que se dão “as funções” de cada gênero na sociedade. No campo de Biblioteconomia eles se mostram fundamentais, uma vez que os espaços ocupados pelos profissionais bibliotecários no mercado e na sociedade, muitas vezes são pautados pela naturalização das relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho.

A profissão bibliotecária nasceu como uma profissão masculina. A aproximação da área com a Educação, o aumento da tecnicidade aliados à divisão sexual do trabalho, tão presente nas relações sociais e que destina espaços para homens e mulheres, acabaram por fazer com que a profissão se constituísse, ao longo do tempo, como uma profissão feminina. Em uma sociedade pautada pelas relações de gênero, a valorização e mudança de *status* de uma profissão, infelizmente, é ligada ao número de homens que esta possui em seu corpo profissional e tais mudanças podem ser ligadas diretamente à maior participação masculina nos cursos.

Os números demonstram que todas as universidades brasileiras pesquisadas se mantêm feminizadas e que o aumento no número de estudantes do sexo masculino acontece, na maioria das vezes, com proporção semelhante ao aumento de estudantes do sexo feminino. Tal constatação demonstra, na realidade, é o maior número de estudantes de

ambos os sexos se aproximando da Biblioteconomia, pelo aumento da oferta de cursos e vagas. Tal fato provoca uma ilusão de que há diminuição da feminização da área, mas em termos numéricos e percentuais, significa uma tendência bem pequena.

Pela pesquisa, observa-se um relativo aumento da procura do curso por pessoas do sexo masculino nas universidades federais de Pernambuco, de Minas Gerais e na Universidade de Brasília, quando elas mudaram de nome — do departamento ou da escola que oferece o curso — para Ciência da Informação. Corrobora esse fato a coincidência das datas das mudanças terem sido bem próximas: Pernambuco em 1990, UNB e UFMG em 2000.

A exceção é o caso do curso noturno da Universidade Federal de Minas Gerais, que em uma década e meia de funcionamento, os homens nunca chegaram a ser maioria. No entanto, no ano 2000 a Escola mudou o seu nome de Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação, da sua “Revista de Biblioteconomia” para “Perspectivas em Ciência da Informação” e ainda criou o curso noturno. Coincidindo, portanto, com tais mudanças, o curso noturno se apresentou como mais atrativo para estudantes do sexo masculino, pois estes representam mais de 40% do número de graduados no turno, o maior percentual dentre as universidades pesquisadas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ricardo Rodrigues et al (2000) – Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação – *Perspectivas em Ciência da Informação* [Em Linha]. Vol. 5, Nº especial (2000), p.81–91. [Consult. 11. Jan. 2016]. Disponível na Internet: <URL: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/02/pdf_677a66c6ed_0008021.pdf>. ISSN 1981–5344

BOURDIEU, Pierre (2003) – *A dominação masculina* – 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 158p. ISBN 8528607054

CACOUAULT, Marlaíne (2003) – Introdução: variações nos ofícios femininos e masculinos – In *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac. ISBN 8573592990 p. 31–36.

CASTRO, Mary (1992) – O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos – *Caderno CRH*. ISSN 1983–8239. Vol.17, s.n., (1992) p. 80–105.

FERREIRA, Maria Mary (2003) – O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero – *Transinformação* [Em linha]. Vol. 15, Nº 2 (2003). p. 189–201. [Consult. 12 jan. 2016] Disponível na internet <URL: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1486/1460>> ISSN 2318–0889

FERREIRA, Maria Mary – Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão “feminina”? – *Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos*, 2, 2010, Lima: EBAM, 2010.

FONSECA, Edson Nery da (1992) – *Introdução à biblioteconomia* – São Paulo: Pioneira. 153 p.

ISBN 9788585637323

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; CHAGAS, Magda Teixeira (2013) – Criação do curso de Biblioteconomia da UFSC: breve histórico. In *Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos*. Florianópolis: Casa do Escritor. ISBN 9788566620092, Pt. 2, p. 71–95.

LOBO, Elisabeth Souza (1991) – O trabalho como linguagem: o gênero no trabalho. *Revista BIB*. ISSN 1516–8085. N. 31 (1991), p. 7–16.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia (1996) – A feminização e a profissionalização do Magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. *Perspectivas em Ciência da Informação* [Em linha]. Vol. 1, N^a 2 (1996), p.225–244. [Consult. 12 jan. 2016] Disponível na internet: < URL: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/642/430>> ISSN 1981–5344

MIES, Maria (1988) – Social origins of the sexual divisions of labour. In *Women: the last colony*. London: Zed Books. ISBN 9780862324568p. 67–95.

MUELLER, Susana P. M (1984) – Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. ISSN 1981–5344. Vol. 13, N^o 1 (1984), p. 7–54.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti (2003) – Trabalho e gênero: a construção da diferença. *Mulher e Trabalho* [Em linha]. Vol. 3, p. 111–117. [Consult. 14 jan. 2016] Disponível na internet: <URL: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2696/3018>> ISSN 1519–8820.

PENA, André de Souza (2007) – *A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da informação no Brasil: um estudo a partir da RAIS/MTE, 1985 a 2005*. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG. Dissertação de Mestrado.

PENA, André de Souza; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; NEVES, Jorge Alexandre. O mercado de trabalho do profissional da informação: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 e 2004. – *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [Em linha], 7, Marília. Marília: UNESP, 2006. [Consult. 20 jan. 2016]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.marilia.unesp.br/sistemas/enancib/viewpaper.php?id=270>>

PERROT, Michelle (2005) – *As mulheres, ou, os silêncios da história*. Bauru: EDUSC. ISBN 8574602515. 519 p.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso (2016) – *Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino*. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG. Dissertação de Mestrado.

REIS, Alcenir Soares dos; XAVIER JUNIOR, Gesner Francisco ; PIRES, Hugo Avelar Cardoso (2011) – Análise histórica da graduação em Biblioteconomia da ECI/UFMG: a interrelação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação* [Em linha]. Vol. 4, N. 1. [Consult. 16 jan. 2016]. Disponível na internet < URL: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/61/101>> ISSN 1983-5116

SCOTT, Joan (1995) – Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. ISSN 0100-3143. Vol. 20, Nº 2 (1995), p. 71-99.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da (2007) – *Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil*. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação.

SOUSA, Beatriz Alves de (2014) – *O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado

¹ BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

² A universidade só possui dados quanto ao número de formandos por gênero, a partir de 1973.

³ A universidade só possui dados quanto ao número de formados por gênero, a partir de 1983.

⁴ Refere-se à soma do número de formados nos cursos diurno e noturno da UFMG.

⁵ A universidade só possui dados quanto ao número de formandos por gênero, a partir de 1973.

⁶ A universidade só possui dados quanto ao número de formados por gênero, a partir de 1983.